LITERATOS

O JORNAL DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA DA UERJ

DEZEMBRO/2021 N. 4

Editorial

O Grito. A pintura do norueguês Edvard Munch traz uma figura angustiada num ambiente de uma convulsão tortuosa. Dizem que o seu sofrimento pessoal com a morte dos pais, do irmão e de uma irmã na infância influenciaram o seu estilo que ajudou a moldar o expressionismo. No entanto, as suas pinceladas deram um outro significado, esse quadro de 1893 é uma representação pictórica de um dos sentimentos definidoras humanidade no advento da modernidade, o desespero. Um sentimento de linhas longas e sonoras que reverbera a obscuridade de nossa alma dentro dos problemas que a nova fronteira social, política e econômica trouxe para a sociedade. O grito também é um impulso que as cordas vocais dão para mobilizar as cores e os sons do desabado da luta. É o tambor, o batuque, o berro. O agudo penetrante que ecoa os que vem de baixo e direciona o horizonte.

É com muita honra que apresentamos a edição n°4 do *literATOS* que vem acompanhado da seguinte pergunta: O que a sua voz grita na janela?

Editor
Samuel Praciano

Capista
Virgínia Oliveira

Diagramadora
Liciane Corrêa

Revisores
Mônica Viollet
Bráulio Coelho
Letícia Botticello
Hannah Andressa
Aline Fernandes
Wagner Azevedo
Samuel Praciano
Felipe Gomes
Carolina Marins

Agradecimentos especiais
Bruno Deusdará
Davi Pessoa
Raphael Salomão

"O que a sua voz grita na janela?"

Um acorde antigo, o som de um silêncio que precede o esporro: oh o rappa, os cortes de verbas, os bares fechados, os blocos nas ruas e os encontros pessoais proibidos! Teve gente ficando rouca de tanto gritar e gente ficando louca, com as declarações deploráveis do presidente da república. Teve gente que resolveu se calar — para não dar bandeira. Tá faltando verbo para conjugar as angústias. Um silenciamento de gritos reprimidos. Um silêncio (pre)escrito. Cada pessoa sobrevive da maneira que pode. É cada um no seu quadrado da janela, mas juntos, gritando um edifício inteiro de reclamações. Provocações; xingamentos; tambores; panelas; cada qual armado da maneira que dá contra essa *política de elevador*: "Eu acho que tá subindo...", mas na verdade estamos descendo. Um país no fundo do poço, enquanto o petróleo vai lá pra cima. Políticos elevando nossas dores. Raiva elevada à última potência. Eles nas coberturas não ligam para quem vem do térreo. E pelo andar da carruagem, só nos restará as saídas de emergências. Mas, alguém tem que apertar o freio-de-mão. Não é época de celebrações ou de comemorações, até porque esse verde amarelo pendurado nas janelas só demonstra que o país anda fazendo vários *gols contras*. E ainda assim, têm pessoas gritando pela vitória do Flamengo; xingando personagens de novelas e participantes dos *Reality Shows*. Agora, não adianta colocar no canal de pregação e rezar pelas almas dos mortos: — ô morto-vivo, acorda! Todos esses gritos — de diferentes formas — são uníssonos. Eis o *canto da cidade*. Gritamos em alto e bom som: — Querem nos calar, mas olha nóis aqui de novo! E tem gente que anda *fechando o corpo* antes de sair de casa. E tem gente que ainda fecha suas janelas. Não adianta, a ventania estremece e faz barulho mesmo assim. Impossível ignorar a natureza sacudindo! Os incomodados é que se mudem, pois o coro dos *descontentes* chegou para...

Será que alguém se escuta no meio de tanta gritaria?

Nico e Lico

@nephrite.art

JN

UM BRINDE ÀS PEQUENAS COISAS DA VIDA — UM AUTORRELATO E UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO

Um curso técnico, bacharel, licenciatura, um mestrado em andamento e um tumor cerebral descoberto. Quando se machuca um pé em uma trilha e se percebe uma torção muscular, geralmente as pessoas vão ao médico para tratar essa lesão. Contudo, nunca se espera descobrir um tumor do lado esquerdo do cérebro ao reclamar de dores de cabeça esporádicas.

Bem, caro leitor, foi isso que aconteceu com o digníssimo que vos lhe escreve. Claro que o susto é enorme, pensa-se em mil coisas, o google vira a nossa bíblia ao pesquisarmos milhões de dúvidas sobre o que pode estar acontecendo. Felizmente, com a ajuda da família, conhecidos, amigos e amigas, namorado, professores e desconhecidos, além de um neurocirurgião excelente, tudo deu certo. O tumor de aproximadamente 3 cm foi totalmente ressecionado em uma cirurgia de sucesso. Posteriormente, descobre-se que este é um tumor secundário, originado por uma pequena célula vinda de outra parte do corpo, mais precisamente das glândulas adrenais. Agora, é necessário fazer outros exames junto ao oncologista para verificar o que está acontecendo, sempre com a mente confiante e segura de que tudo já deu e dará certo.

Todavia, caro leitor, esta não é uma breve história da doença, mas sim dos pequenos detalhes que deixamos de perceber ou ignoramos por nossas próprias vontades. Você já imaginou não poder tomar um banho completo por estar com acessos intravenosos nos braços? Ou, após a cirurgia, por estar com 19 pontos cirúrgicos na cabeça? Pois bem, tenebroso para quem estava acostumado a tomar 3 banhos por dia. Isso é uma boa reflexão para vários aspectos, como o quão simples é entrar no banheiro e ligar o chuveiro sem percebermos como é extraordinário ter água caindo por todo o nosso corpo. Além disso, pondera-se também sobre a necessidade de 3 banhos por dia, ou se esse número pode ser reduzido para economizarmos mais água e assim ajudarmos o planeta.

Outrossim, já imaginou fazer xixi por sonda, uma mangueirinha de plástico inserida até a bexiga por meio do sistema urinário? Horripilante! O pior, é quando a sonda é retirada, pois o caminho que a conduz até a bexiga é lesionado na maioria das vezes, então, quando se urina nos primeiros 3 dias após a retirada da sonda, sente-se uma dor ardente quando se faz xixi. Agradeça ao seu xixi de cada dia, aquele que sai sem dor.

Continuando a falar sobre acessos intravenosos, eles são inseridos nas veias para administração de remédios por meio líquido na corrente sanguínea. Primeiro se faz uma pequena inserção com uma agulha e depois insere-se o acesso, que é um revestimento flexível, também chamado de jelco. Quando ele é colocado perto das dobras do corpo, como por exemplo entre o braço e o antebraço, dá um medo de ficar dobrando essas áreas, pois pensa-se que o revestimento flexível pode ser quebrado ou estourar a veia, então, geralmente, as pessoas dormem imóveis, causando um desconforto crescente enquanto os acessos não são retirados. Como a Ortobom diz, dormir é muito importante, pois um terço de nossas vidas passamos deitados em colchões e, com esse desconforto, fica inviável ter um bom sono.

Falando em dormir, você já tomou vários remédios em horários diferentes, caro leitor? Por exemplo, de 5h em 5h, de 6h em 6h... Como se dorme bem dessa maneira? Acordar toda hora desregula nosso sono e nosso humor, fica-se cansado com facilidade e altera nosso sistema digestivo. Uó! Novamente, a Ortobom tem razão. O bom sono é algo que devemos prezar em ter.

Outro ponto a ser relatado é como em um hospital consegue-se visualizar um mundo totalmente diferente do mundo exterior a ele. Nosso problema raramente será o pior dos problemas. Existem outros piores e descobre-se isso quando se divide um leito com outras pessoas. Por exemplo, pessoas que tem problemas psicológicos e fazem diálise por problemas devido a substâncias tóxicas nos rins, pessoas com endocardite, pessoas com aneurismas perto do coração, enfim, cada caso é um caso e dentro desse ambiente percebe-se que você não é o único a ficar angustiado.

Ademais, você já contou quantos passos você dá por dia? Muitos, provavelmente. Sinta-se satisfeito! Existem cirurgias que te impossibilita de andar por um período de tempo devido ao local onde foi feita e outras permitem que você ande, mas com cuidado, pois inicialmente você pode se sentir tonto e até cair. Às vezes reclamamos que andamos até onde Judas perdeu as botas, mas imagina não poder andar, isso deve ser bem pior, provavelmente.

Outro fato relevante é que da janela de um hospital não se pode bater panelas ou gritar contra um presidente genocida, pois o silêncio deve ser respeitado. Dessa forma, pode-se pensar que, de certo modo, até nossa liberdade de expressão é limitada dentro de um hospital, a fim de respeitar todos os outros pacientes. Ossos do ofício.

Por fim, este breve ensaio intentou trazer reflexões sobre como reclamamos ou ignoramos certas atitudes e ações do nosso dia a dia. Cada reclamação tem dois lados, um que é o lado que não gostamos e por isso reclamamos e outro lado que, por muitas vezes, sequer imaginamos, o lado muitas vezes da simplicidade ou de algo que contesta nossas vontades e atitudes. Além disso, é vital entender que a vida é valiosa. Na verdade, todos nós sabemos, mas só passamos a ponderar sobre isso quando somos apresentados a questões que podem sugerir a perda dela. Agradecer e melhorar nossas ações cotidianamente é fundamental para entendermos nosso papel nesse mundo e ajudarmos aqueles que nos cercam. Para todos nós, tudo já deu certo.

Lucas Eduardo dos Reis da Fonseca

TÍTULO NÃO ENCONTRADO

adianta de quê? projetar a voz
é um projeto eterno do tempo projétil.
se todo mundo grita,
ninguém se escuta.
não, não pense que gosto
desse silêncio, porque
esse silêncio me enquadra
e se todo mundo se manda
(mandado, sem autonomia)
para o quadrado da janela
é porque o grito ainda
ganha jogo — xingar o juiz:
"falta-lhe juízo!" — o que se materializa,
sempre uma torcida organizada.
não tenho voz porque
perderam minha frequência.
mas, silenciosamente,
falo pelos cotovelos,
com a boca mais censurada
que a moral já vestiu
o que é natural e nunca
deixou de ser,
aquela que se comunica
sem precisar ser alterada,
sem precisar ser dominante,
sem precisar ser autoridade,
as instituições detestam-na,
pois se ela se abrir,
o mundo se acaba, tudo volta
para o início do jogo:
e o medo do resultado da partida
ser outro?... converso com ela,
que ela me ensine
a viver como a poesia,
a morrer como a menstruação,
a sonhar como o inconsciente,
a ser eufemista, não por fragilidade
mas porque se eu for duro,
rígido, a instituição me pega —
feito homem que nunca
conseguiu conviver com mulher.
o heroísmo sempre salvou a espécie
— gritando, enquadrando e censurando —,
com todos os poderes ao seu direito.
eu quero fazer errado: "ei, já pensou
de ao invés de gritar
fazer a diferença com a vida?"

Lico

Quem suporta o peso
Da insustentável
Verdade?
Quem aguentaria
A genericidade
De toda essa poesia?
Eu queria ter talento
Para escrever algo
Profundo, íntimo e duradouro...
Mas o meu mau gosto
Fará esse texto
Perder-se no vento.

Este poema, que custou a ser escrito,
É o pedido de um amor, amante e melhor amigo
Acreditando no talento
Que eu já afirmei não ter
Essa crença na minha capacidade,
Foi o que me fez ter coragem
E eis o poema
Que agora vocês podem ler

Filippe Victor

PEQUENA CRÔNICA EM TOM MENOR

Nunca fui um bom aluno de música. Tentei diversos instrumentos, sem muito sucesso. Comecei com o violão, na adolescência. Mas fui obrigado a vendê-lo assim que começaram a doer as pontas dos meus dedos, na iminência dos primeiros calos. Passei pelo teclado, pela flauta doce e pela transversal, arruinei a paciência e ouvidos dos familiares e vizinhos com o saxofone. Voltei ao violão, já depois de velho. Comprei um belo e caro instrumento, como se o valor dele pudesse compensar a minha natural falta de talento. Hoje, graças ao Youtube, consigo arranhar algumas das minhas canções favoritas. Nas versões simplificadas, claro. E olhe lá.

Mas a minha grande paixão sempre foi o piano. Na minha juventude, eu costumava ter sonhos recorrentes com pianos. Algumas vezes eu me deparava com eles em casas totalmente arruinadas, escombros por todos os lados. E o piano lá, intacto, por algum motivo que me era desconhecido. Eu me sentava, lenta e solenemente como um bom pianista, mas, ao começar a tocar, eu o fazia como fazem as crianças pequenas, deslumbradas e curiosas diante da grande fileira de teclas pretas e brancas, martelando-as desajeitadamente.

Decidi que merecia a chance de tentar aprendê-lo como se deve. Matriculei-me numa escola de nome e prestígio, como se a fama da instituição pudesse compensar a minha natural falta de talento. Descobri que tenho um péssimo ouvido musical, simplesmente não conseguia identificar e classificar os intervalos. A professora soava um acorde ao piano e eu ficava na dúvida se ele era maior, menor, diminuto... Tríades, inversões, tétrades... E eu, nos fundos da sala, amuado, tétrico. Era minha última aula antes da prova e, pelo andar da carruagem, a nota não seria alta. Mas, apesar de todos os acidentes – musicais ou não –, achava que, no geral, me saíra bem. Foram dois anos de uma árdua batalha e sairia vivo dela. Provavelmente reprovado, mas vivo.

Desci as escadas da escola e parti para o Largo da Carioca. Dali saía um ônibus que me deixava na UERJ. Ajeitara os horários de modo a conciliar minhas duas paixões, as aulas de música e as de língua alemã. Duas coisas elas tinham em comum: o amor que me inspiravam e a dificuldade para conseguir entendê-las.

No ponto de ônibus, um homem baixo e idoso me chamou e pediu um favor. Queria que eu ajudasse a tirar sua esposa do táxi e colocá-la na cadeira de rodas. "O taxista sozinho não consegue, e eu tenho problemas na coluna". "É claro", respondi, e caminhei até o carro. A senhora tinha cabelos muito brancos. Seu corpo era frágil, magro, leve. Ao carregá-la, a manta que lhe cobria as pernas começou a deslizar, deixando à mostra suas perninhas finas e brancas. Vi, constrangido, que ela usava fralda. Rapidamente eu apanhei a manta e ajeitei com cuidado sobre seu corpo. Ela me olhava o tempo todo com olhos grandes, arregalados. Não disse nenhuma palavra, emitia gemidos quase inaudíveis, como se ela se esforçasse para conter uma dor qualquer.

O motorista e o senhor me agradeceram, e a senhora sempre a me fitar nos olhos. Eu a observei enquanto se afastava, aquela sinfonia de vida se arrastando lentamente para os últimos compassos. Permaneci à espera do ônibus, triste, como sob o efeito de um noturno de Chopin.

Ronaldo Dória Júnior

Não aprendi pontuação na escola
vivendo de epílogos infinitos
(se é que isso faz sentido)
me habituei a sempre deixar portas abertas
repetidamente perdida na minha própria confusão
lendo em voz alta a nova senha dos prestes a entrar
porque, sim, precisa ser agonizante de tempos em tempos
a assombração de minhas escolhas auto sabotadoras
que me fazem chorar
que me forçam a olhar no espelho
rindo e debochando da culpada que sou
por toda maldição que acontece ao meu redor
presa num ciclo de supostos recomeços
que sempre me arrastam para o mesmo pensamento
de estar vivendo de epílogos infinitos

Fernanda B. Schwerdtner

MEDO DA VIDA

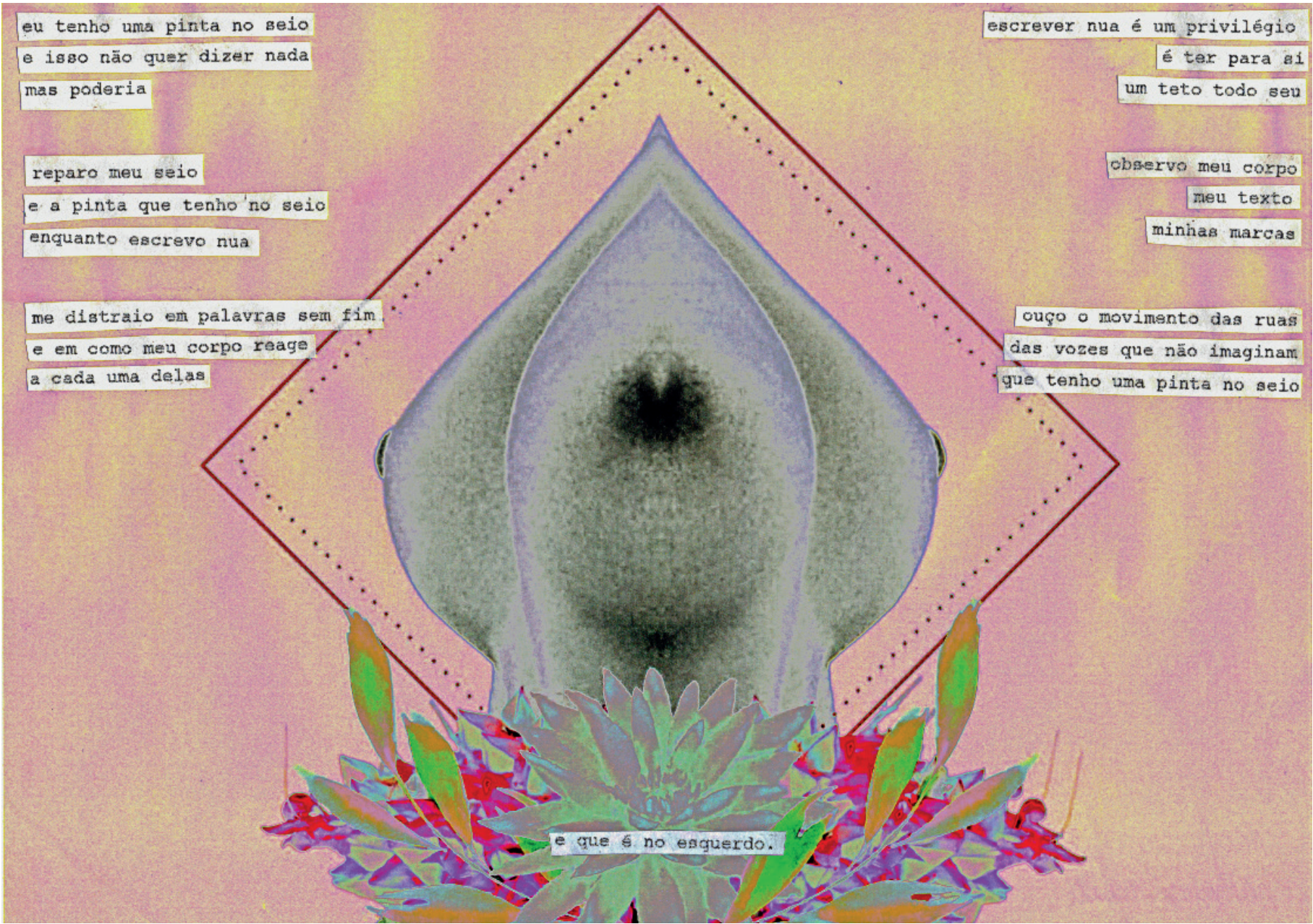
Nos seios dessa certeza incerta
No fundo desse escuro mar
Recuso lançar-me de alma aberta,
Como quem teme as ondas do a(mar)
Apeguei-me ao lar, ao carnal
Esqueço que sou alma
Minha carne, um canal
Por isso de casa não mudo
Firme, meu escudo, meu pé no chão
Não sei se temo o fim ou a continuação
Eu nego a morte
Eu nego a vida
Seguro a sorte
Viver é corrida
Eu não desfaço
Eu não refaço
Eu temo a queda
Eu conto os passos
Eu conto moeda
Respiro em decomposição
Levando o coração na mão
E os desejos presos em mim
Sigo correndo pro fim
No fundo, uma verdade contida
Quem foge da morte, foge da vida

Hannah Andressa Delgado

Sono rouba versos,
Ausência de tinta rouba tranquilidade,
O som da caneta batendo no papel.
Vou surpreender o meu futuro eu e o seu futuro você,
Parar o vai vem
Depois voltar para o bom ouvinte
Como quem nunca ouve raios, barulhos e amargores.
Sempre houve viagem.

Deveria agradecer pela luz, sim.
Desculpe-me mas ainda reclamo do amargor
O que posso dizer? Viajantes de primeira viagem.
Enjoos ao amar, como contratempos da tempestade.
Mas continuamos gostando da tempestade,
O que seria da imensidão azul sem ela.
Como raio me iluminou, como raio foi
(Embora) de uma vez posso dizer: viva.

Melhor falar ou não falar?
Melhor é escrever...
Aquele coração está recebendo essas palavras.
Uma pedra sente o chute?
Uma árvore sente o corte?
Melhor ouvir e não ouvir
Sentir o chute e o corte.
A pedra subsiste
A árvore subsiste
A palavra subsiste.
Alguém está recebendo essas palavras.

Rayane Martins

Nathália Rinaldi

ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO

panelas
gritam
pessoas
fazem
barulho
assisto
a isso
como
se fosse
uma
partida
de futebol
xingamentos
direcionados
aos que
se declaram
"donos
da bola"
torcedores
se matam
presidentes
nos camarotes
se divertem
não
esquentam
têm ar
condicionado
"fica frio"
enquanto
aqui dentro
aquece o
calor do
momento
com a
partida
de vários
em campo

vontade
não falta
de disparar
*"tiros
certeiros"
bombos*
afinados
com a
justiça
com o
próprio
som
*kaô,
meu
pai!
senhor
do trovão*
manda no
céu o seu
recado
torcedores
politizados
fecham
suas janelas

ao invés
disso
o silêncio
da respiração
da mira
de um atirador
de elite
o silêncio
de quem
brinca de
*"polícia e
ladrão"*
e tá
sempre
tendo
que se
esconder
o silêncio
da leitura
dum presidiário
o silêncio
de *Malcom x*
e de *Marighella*
o silêncio
do escritor
*o silêncio
que precede
o esporro.*

da *janela
lateral*
do meu
quarto
de sonhar
observo o
mundo por
uma fresta
uma rachadura
um animal
que se
esconde
antes de
atacar
a presa
um animal
enjaulado
sem fazer
barulho
e nem
gritaria
— *shhhhh
nem um
piu…*
fazendo
sinal de
silêncio
fazendo
o sinal
de fumaça
do
cachimbo
um
recado:
— tem
gente
fazendo
justiça
com as
próprias
mãos.

Nico

PALAVRAS AO VENTO

Saltam pela janela do veículo em movimento
Meses, semanas, dias,
Ideias turronas, todas fugidias
Escorrendo em azul, suicidas
E no leito caprichoso do asfalto
Cobrem-se de nuvem de alto a baixo,
Nulas, convencidas.

Assim, as minhas, suas e nossas idiossincrasias
Soltas, vazias,
Cuspe lançado ao longe
Onde se unem, se fundem e se perdem
Emergem nos ponteiros, nos segundos, nas apatias.

São pontes pardas e bambas que os anônimos separam
Bradando uníssonas e em voz alta:
Ignoramos mais do que sabemos
E a igualdade só se dá na falta.

Charlene França

VOCIFERAR

Sentada e desconfortável, atribulada com os afazeres do dia, e, ainda assim, dividida entre eles e as incertezas da vida, me faltam forças até para reclamar. Sigo calada. O tempo passa, com o computador a postos e as pendências também, junto da bigorna que parece esmagar os meus olhos, levando de brinde, Deus sabe lá como, a nuca e a coluna inteira, além de toda a minha concentração. Tempos difíceis estes em que meu principal exercício é o de levantar os olhos para alternar entre seus diferentes músculos cansados que precisam ser seduzidos por algo como crianças enfadadas no cubículo em movimento em plena estrada.

Olho para perto, vejo a tela. Olho para longe, a sala, a janela. Perto, segura o foco; longe, relaxa. E mais uma vez. Eis a academia moderna. Prescrição médica, enquanto seguem os olhos obrigados a correr pelas janelas sobrepostas nas telas que se multiplicaram, como as promessas de perto tão longe e tão raras de ver o mundo lá fora em breve, quase lá… Daqui a pouco! Já já chega!

Lá fora passam os carros e, às vezes, parece que assisto a minha alma fugir com eles. Os olhos sabem e já não se deixam enganar pela realidade "pixelada". Eles gritam, em dores desconsertantes, mas eu os obrigo, os convenço, só mais um pouco, quase sempre, com o espiar da janela da sala, com o riscar de uma pendência na agenda e o planejar da próxima saída de casa

Para dizer a verdade, ultimamente, tudo parece retalho, meio janela, coisa inacabada, de alguma forma desconectada e, acima de tudo, incontrolável, de vida própria. Abro a porta da geladeira, mais uma janela, uma vida inteira de coisas para lidar. Se não compro, não tenho; se tenho e não uso, estraga. Acontece que não tiro a vida para dançar, propriamente, há tanto tempo, que se já não sou capaz de acompanhar a mim mesma, que dirá o ritmo do que vai vencendo. Quando vejo, já está a mãe natureza reivindicando o brócolis, o arroz de sexta e o pão de segunda-feira que se foram sem alarde.

A barriga grita, por compulsão ou necessidade, em roncos altos, badaladas certas como as de um relógio, até que eu a atenda. E não consigo deixar de pensar naqueles que não têm como se alimentar. A irritação também reclama do descontrole à sua maneira, e ela gosta de variar. Eczema, bruxismo, gastrite, dor de cabeça... acho que é a enxaqueca. Sigo eu como uma fofoqueira incompetente, incapaz de acompanhar o roteiro de tanta gente.

Passa o tempo, e agora são as pernas, cansadas de tanta espera sentada, doem e, só então, as levo para passear, mas aí quem reclama é o coração, desacostumado, fica descompassado e tudo se agrava quando começa a sentir as dores de estar ali, na rua, exposto. Já notaram a quantidade de gente sem casa? O preço da dignidade já não cabe no bolso, o desconserto das calçadas, das construções, as lojas fechadas, as gentes tristes, o desrespeito sem máscara… E o caminho vai ficando confuso, porque as referências mudaram e a memória falha, como quem procura sem encontrar, mesmo na própria casa.

As urgências, no entanto, nunca pararam. A vida cobra e a gente paga, mesmo sem ter. E eu já não tenho nem fala. Meu português cansou de dar corpo ao noticiário e ao rosário de reclamações e medos e dores e raivas… os únicos que nunca me abandonaram. Fiquei perdida, impotente como uma escritora que já não conta, como quem desiste de ler o jornal por tristeza, separada da língua portuguesa que abandonou o meu pesar, há tanto, que ele encontrou outro idioma para se expressar. O corpo grita o que a gente não fala. E eu achando que já não dizia mais nada.

Zaira Falcão

TARDE

não vou caber
prender o ar
cobrir minhas frestas
está quase
na hora da
festa
e esta
é minha única
roupa limpa
é com ela
que vou
dançar

Felipe Gomes

A IRONIA DO NOME

Se você mora no Rio, então alguma vez na vida já passou pela Central do Brasil. E passando pela Central do Brasil, certamente, já notou um morro situado logo atrás dela: o Morro da Providência.

Apesar de ter sido tema de música e filme na primeira metade do século XX, a verdade é que o Morro da Providência foi pioneiro ao abrigar a primeira favela brasileira e, como todas as comunidades que conhecemos, tem sido esquecido pelos governantes desde a sua criação há cerca de 120 anos.

Feitas as apresentações necessárias, vamos agora ao que realmente nos interessa: conta-se que na semana passada, numa sexta-feira para ser mais exato, um defunto amanheceu na calçada de uma rua a cem metros do Oratório do Morro.

À medida que as pessoas acordavam, o burburinho ao redor do morto aumentava. Ninguém sabia como se chamava, onde morava, quantos anos tinha. A cada hora que passava, o defunto se tornava um mistério maior ainda. O engraçado nessas situações de tragédia, se é que há alguma graça, é que todos os curiosos sugerem alguma coisa mas, na verdade, ninguém faz nada para resolver a situação.

— Precisamos chamar a polícia! — disse uma senhora corpulenta, que segurava algumas sacolas de frutas.

— Alguém já deve ter ligado. — observou o dono de uma birosca defronte.

— Quem será que jogou esse cara aqui?

— Com certeza foi morto em outro lugar!

— Cadê o rabecão que não chega?

— Vai chegar como, se ninguém chamou?

O alarido estava nesse pé em que todos falavam e ninguém ouvia. Um observador à parte, alheio à confusão do vozerio, olhava com profunda atenção o cadáver na calçada, sacudindo negativamente a cabeça. Um narrador onisciente, talvez, pudesse descrever com riqueza de detalhes o que se passava na cabeça dele naquele momento. Contudo, como não é esse o meu caso, só me resta supor que a sua desaprovação demonstrava que, entre toda aquela gente, ele aparentava ser o único que estava realmente sensibilizado com aquela morte.

Convém relatar o pouco que sei desse senhor: era um velhinho negro e barbudo, magro e de estatura mediana. Apesar da aparente pobreza, tinha um ar quase aristocrático de quem possuía uma cultura singular, um apreço pelo conhecimento. Pouco sabiam sobre ele ali, nas redondezas, a não ser que crescera no Morro do Livramento; e agora, já idoso, visitava esporadicamente um amigo na Providência. Sua marca registrada era um jornal, ou um livro, que sempre trazia à mão. Às vezes, ao se deparar com alguma criança ao pé do Morro, parava e lhe ofertava o livro que estava consigo, mas não sem antes fazer um certo mistério sobre a história, a fim de instigar a imaginação da criança.

Pois bem, era esse velhinho que observava, calado, a cena do defunto e dos curiosos. Àquela altura, o dia já ia pela metade, e o defunto continuava sendo a sensação do momento. A notícia se espalhara, e todo mundo queria dar uma espiadinha no "defunto do Oratório", como ficara conhecido. Algumas mulheres, aspirantes a carpideiras, já ensaiavam um choro. Mas este logo cessava quando um novo curioso chegava e recomeçava o interrogatório sobre o morto.

O senhorzinho do livro, ao se retirar daquela cena, apenas murmurou:

— Tão cedo não vão retirar esse corpo daqui... — e ele se foi carregando o seu livro. Nenhuma ficção conseguia ser tão aterradora quanto a realidade.

O fato é que ele tinha razão. O falatório dos curiosos e os apelos se arrastaram por mais algum tempo, até que tudo cessou e a multidão começou a dispersar. Só o finado permaneceu imóvel na calçada, e é sabido que lá ficou por muitas horas mais, como bem profetizara o velhinho. Afinal, a sabedoria é sempre amiga da velhice e a injustiça a companheira inseparável dos desamparados.

No dia seguinte, a senhorinha das sacolas de frutas, passando em frente à banca de jornal, que ficava ao pé do Morro, viu uma foto do ocorrido em um jornal popular. Eu escrevi popular? É escusado escrever isso. Obviamente, os grandes jornais não teriam espaço para notícias como aquela... Ela levou a mão à boca, quando leu a manchete:

— Meu Deus! — exclamou. — O coitado do morto ficou esse tempo todo na calçada? Não é possível! Faltou providência!

Novamente, o velhinho, sim, aquele mesmo velhinho observador do dia anterior — e que por sinal se chamava Joaquim Maria — passava na hora e ao ouvir as palavras da senhorinha, parou e voltou-se para ela:

— Providência? — perguntou ele, com um meio sorriso. — Ora, minha senhora, de providência esse Morro só tem o nome!

Aline Fernandes

É uma quarta-feira qualquer do mês de setembro, em 2021. Assim que o despertador do meu celular inicia seus acordes, abro os olhos pela primeira vez no dia. Infelizmente, o desânimo e a ansiedade já ocuparam seus lugares em boa parte do meu corpo antes mesmo de eu enxergar os primeiros raios de sol.

Em apenas alguns segundos, diversos pensamentos invadem a minha mente: "Como será hoje?", "Será que haverá alguma discussão?", "Parece que não estou com energia alguma para assistir às aulas da faculdade", "A noite de ontem foi difícil, é melhor voltar a dormir. É mais seguro". Então, me esforço para desligar o alarme de uma vez por todas e me aconchego na cama novamente.

Na segunda vez em que meus olhos se abrem para o novo dia, a culpa me consome, juntamente com a ansiedade: "Por que eu não acordei? Por que não me esforcei só mais um pouquinho para conseguir levantar?" Então, apesar de o desânimo estar dominando mais o meu corpo a cada autocobrança, eu me levanto.

Enquanto realizo minha rotina matinal, planejo fazer minhas tarefas acadêmicas depois do horário de almoço. Mas, quanto mais as horas passam, a sensação crescente de sufocamento me atinge. Não consigo suportar ficar sozinha porque sei que a ansiedade irá me consumir, então corro os meus dedos para a tela do celular e coloco uma série para assistir. Então, permaneço nesse estado até a noite chegar, o momento em que sinto um vazio tão grande que os meus únicos instintos são chorar e me encolher na cama novamente. Possuir uma autocobrança tão elevada não me leva para lugar algum, muito pelo contrário: eu permaneço paralisada, em um ambiente no qual tenho medo de realizar qualquer passo em falso logo em frente.

A verdade é que não é uma quarta-feira qualquer, mas sim mais um dia da minha vida em que meu corpo realiza o possível e o impossível para que eu possa simplesmente viver. No entanto, o meu maior desejo nos últimos tempos tem sido gritar. Berrar e jogar para fora de mim a exaustão, a decepção, a frustração, a falta de ânimo e toda a desesperança. Eu quero gritar até que não possa mais, para que eu finalmente sinta que tudo isso saiu de cada centímetro do meu corpo, como uma verdadeira catarse.

Acredito que uma das sensações mais belas do mundo é aquela que nos consome depois do grito, pois sabemos que, após toda essa expressão do que se passa dentro de nós, resta a pessoa que sempre esteve conosco e é, também a mais importante do nosso mundo: nós mesmos, com nossas próprias respirações.

Então, decido: eu vou ficar. Um dia após o outro.

Maria Eduarda Pereira

Paula Sophia

SAIBRO

Geane acordou em mais um dia frustrante de outono.

Já eram 14 horas e 27 minutos quando ela se levantou da cama. Abriu os olhos, encarou o teto — que a encarou de volta —, decidiu que podia dormir mais, fechou os olhos, tornou a abri-los, virou a cabeça na direção do celular carregando no chão e esticou o braço vagarosamente para o pegar. Uma hora e oito minutos haviam passado. Geane abriu o aplicativo de fotos e, depois de checar que não havia nenhuma nova notificação em sua conta, abriu o aplicativo social, onde foi noticiada que sua amiga, Ângela, com quem tinha feito faculdade, teve seu quadro comprado por um colecionador dito visionário; algumas rolagens abaixo, Cristiano havia exposto suas primeiras obras, e logo depois — três posts e uma propaganda depois — veio Carol, sua melhor amiga de tempos passados, com sua escultura premiada. A vida não estava sendo fácil para Geane.

Uma hora e dezenove minutos depois, Geane se encaminhava para o banheiro. Ela girou o registro e deixou a água fria — assim sendo por estar sem a escolha de ser água quente — nadar por suas costas cobertas de pequenos pontos vermelhos saltados de acne.

Não tinha sido sempre assim. É verdade que ela tinha sido sempre fisicamente *esquisitinha*, mas era brilhante quando criança. Suas notas eram altas, com observações perspicazes e usos de palavras como "procrastinar" aos 9 anos — claro que não falava de si mesma, até os 19 ela nunca havia procrastinado.

Existe um desconjuntamento comum a crianças prodígio: elas crescem, mas a atitude parece não se desenvolver. A questão das tais *crianças índigo* é que elas são tão elogiadas, tão apreciadas... por que mudar? E pelo que são estimadas? A atitude madura delas é realmente impressionável, com 13 anos Geane conversava com a mãe sobre o crescimento da China. Por que mudar e se aperfeiçoar?

Geane puxou a calça de moletom cinza por cima da calcinha que pendia na bunda e se olhou no espelho. A barriga protuberante não a agradava, não parecia com o corpo de Ângela ou de Carol, ou um corpo que Cristiano iria querer. O rosto cansado, apesar de todas as horas dormidas, óleo no couro cabeludo e palha nas pontas.

Diante da tela branca, Geane tentava buscar alguma inspiração no fundo de sua mente, resgatar algo do que um dia fora sua imaginação. Ela se levantou do banco bambo depois de pouco tempo. Inclusive, essa não era uma prática recorrente, ela simplesmente evitava os quadros, esperando que essa tal de inspiração a atingisse de súbito, enquanto procrastinava lavando louça.

— Querida, talvez você deva aceitar que isso não é para você — disse sua mãe enquanto futucava o sorvete de pistache com a ponta da pazinha de plástico vermelho.

O picolé de Geane derretia.

— Você era tão boa em matemática… e tem um diploma! Claro que não é em engenharia, mas você deve conseguir algum emprego.

— Mãe, eu tenho um emprego — disse mentindo para as duas. — Eu… desenho.

Ou desenhava.

— Meu amor, mas e um *de verdade*? — Cláudia mais disse do que perguntou, enquanto olhava nos olhos da filha e a questionava sobre um emprego *de verdade*.

Geane notou, segundos depois, que ela havia se arrependido do que dissera à filha, mas também não falou mais nada para remendar o erro, poderia piorar se o revelasse. Talvez a filha não se doesse com o comentário.

— Vamos, vamos lá — disse a mãe enquanto se levantava da cadeira de praia.

Geane aceitou a mão estendida e levantou-se também. Seu maiô preto marcando as dobras de seu corpo.

Cláudia correu até a água. Geane a seguiu, caminhando lentamente até seus dedinhos tocarem a água salgada. Olhou as ondas alabastrinas antes de entrar de uma vez, o choque balançando seu corpo, suas dobras, cabelos sendo refrescados pelo gelado do mar. A água calma a embalou, fazendo-a perder a noção do tempo.

Geane fechou os olhos, boiando pacificamente. Seu cabelo sendo acariciado. A vida não estava sendo das mais fáceis.

Geane abriu os olhos e uma onda gigantesca se formava à sua frente. Seus pés já não tocavam mais o chão e enquanto ela tentava voltar para o raso, a onda não esperou, a cobriu, batendo em suas costas e espalhando água para dentro dela. Ela a empurrou para o fundo, a areia contra seus ombros. De forma abafada, como uma TV no quarto ao lado, ela escutava o som das ondas, violentas, acima de sua cabeça. Geane não sabia se o melhor era ficar lá no fundo escuro ou já lutar pela superfície. Sentia medo de voltar e outra onda a derrubar. O fundo era tão acolhedor. Agora nem parecia mais gelado.

Sem perceber, ela estava de volta à superfície, seu olhar no horizonte. Puxou o ar e começou a tossir, água e areia saindo por entre seus lábios. Ela sacudiu as alças do maiô enquanto caminhava de volta para a cadeira e, quando o retirou debaixo do chuveiro, grãos de areia secos foram empurrados pela água, ralo abaixo.

O dia parecia ter sido consumidor. Geane deitou no sofá, o corpo cansado, com os olhos fechados, ela sentia-se na brisa do mar novamente. Acordou com algo pinicando seu couro cabeludo. Ela coçou a cabeça e sentou-se, de repente dispersa. Olhando ao redor, percebeu que havia capotado no sofá da sala e parecia que por muito tempo. Já era outro dia. E seu corpo parecia pegajoso. Ela levantou-se de uma vez do sofá macio e girou a torneira de água fria.

De forma afamiliar, tomou banho e vestiu roupas confortáveis, porém bonitas.

Olhou para si mesma no espelho e, sem saber o que estava fazendo, saiu de casa, caminhando ao relento. Foi até um restaurante, sentou-se em uma cadeira do lado de fora e por horas observou o céu, as nuvens lá no alto que flutuavam quietas numa brisa suave; observou a rua, com o meio fio desnivelado, e as árvores dançantes. Observou as pessoas carregando sacolas de supermercado e escutou o som plácido do vento que parecia respirar contra sua pele e todas as folhas, flores e frutas, árvores, canteiros, telhas e prédios. Todos pareciam respirar em harmonia, elevando-se em conjunto, coexistindo e em quieta ondulação.

De sua bolsa ela pescou seu caderno de desenho e um estojo laranja, o abriu e apoiou a ponta da lapiseira 0,5 no papel.

Em uma inspiração entrou, em uma expiração saiu um desenho. Um desenho como fazia tempo que ela não produzia. Na verdade, fazia tempo que ela não *produzia*. E estava começando a se perguntar se podia considerar-se uma artista. Artistas que não produzem são artistas? Produzir qualquer coisa e de qualquer maneira faz um artista?

No dia seguinte, ela pintou uma aquarela em um papel grosso o suficiente para receber tinta aguada sem enrugar, e depois passou um bom tempo olhando para ele sorrindo para ela.

Na mesma semana, ela comprou um quadro enorme do tamanho de sua parede, com o resto do dinheiro que tinha em seu

cartão de débito. Não ficou muito tempo olhando para ele, pegou um pincel, sujou de tinta e manchou o quadro.

Quando estava satisfeita, descansou o pincel no jornal ao chão e sorriu para o quadro, que parecia sorrir de volta.

Flash ligado? Não, de jeito nenhum. Aumenta o brilho? Não, deixa assim. Posta.

1 curtida… 2 curtidas…… 16 curtidas………… 87 curtidas……. Uau! Vc tá vendendo?

— Eu adorei, adorei! — disse a menina loira entusiasmada que apertava sua mão.

— Eu… fico muito feliz! — Geane respondeu, suas bochechas brancas tomadas pelo rubor.

O quadro foi vendido com rapidez e, tão rápido quanto, já havia uma foto de seu quadro no *Instagram* de Laura, a compradora.

— Vamos brindar, então, a seus quadros! — disse Edu erguendo a taça e encontrando a de Geane. — Como se sente, artista de sucesso? Dois quadros em uma semana, hein!

Geane havia resgatado sua amizade com Edu de forma bastante repentina. Ontem ele enviara uma mensagem a ela perguntando se lembrava o nome do restaurante que eles haviam visitado no ano passado e, apesar da péssima memória de Geane, ela lembrava. Eles engataram em um bate-papo e um dia depois estavam celebrando seus quadros vendidos.

— Eu não sei nem o que dizer. Sinto-me diferente, com mais vida, mais criatividade, ela bebericou o vinho enquanto sentava e ele a copiava. — Sei lá, alguma bobagem assim.

Ela não queria soar pretensiosa, mas era verdade! Antes de sair, não pensou muito no que vestiria. Só colocou a primeira roupa do guarda-roupa e se olhou no espelho. O rosto ainda estava corado do sol e o corpo não parecia grotesco. Suas curvas pareciam leves, assim como ela se sentia por dentro. O cabelo não estava oleoso, estava brilhante, como os olhos. E a longa soneca, depois da praia, parecia ter feito mais efeito do que as longas noites de sono. As bochechas estavam altas, os seios fartos não pareciam incomodá-la e os quadris pareciam possuir um balanço natural que ela nunca havia notado antes. Ela não olhou para a maquiagem, que nem sabia usar, encostada na pia. Geane sentia-se elegante com a camisa quadriculada, jeans escuros e um salto alto baixo. Sim, salto alto mesmo que para ficar em casa. Não que ela *precisasse*; ela sentia que não precisava de nada. Inclusive, tá aí algo que ela sempre achou ridículo. Sempre foi alta e, em todas as ocasiões elegantes em que usara salto alto, fora recebida com a mesma frase "para que isso? Você já é tão alta!"; depois de um tempo parou de usar salto. Mas naquele dia resgatou o par do fundo do armário.

— Que é isso aqui? — Indagou Edu enquanto passava a mão no sofá — É areia?

— Ah, deve ter sido da praia. Eu pintei algo novo ontem à noite, quer ver?

— Energia total, você, hein? — Riu Edu.

Geane o guiou até seu ateliê. Isso era coisa nova, inclusive. Ela tinha antes um escritório com mesinha, cadeirinha, luminariazinha, e se desfez de tudo isso, percebendo que era careta e que não precisava de nada para trabalhar e que, na verdade, isso estava mais era atrapalhando. Nem esperou ninguém para receber os móveis — uma instituição de caridade, um amigo artista ou alguém precisando —, só jogou tudo fora abrindo espaço para telas, que costumavam ficar no cantinho do quarto, acanhadas, encostadas contra a parede e quase escondidas. Ao andar por cima do jornal, espalhado em frente à tela, ela não percebeu a areia.

— Amiga, isso é ótimo! Eu mesmo quero…

O celular de Edu começou a tocar.

— Alô? Ah, oi! Putz! Não, eu não me esqueci! Claro que estou a caminho. Posso levar uma amiga? Tá, beijo.

— Geane, vamos a uma festinha?

Há muito tempo que Geane não abria mão de sua casa e ia a uma festa, mas ela foi dessa vez.

O lugar para onde foram era um bistrô em inauguração com lanternas japonesas e sombras.

A mulher negra esbarrou em Geane e, antes que ela pudesse dizer "olá", a garota se abaixou para beijar seus lábios. Após isso, elas foram direto para casa, começaram a conversar no táxi, enquanto trocavam leves carícias. Dedos percorrendo pulsos, palavras trocadas perto do ouvido e perceberam que, além da atração, elas tinham outras coisas em comum. Fernanda disse que era atriz e que estava olhando Geane desde que ela havia entrado no bistrô. Também disse que o pescoço de Geane estava sujo de azul, mas que ela gostava.

Continuaram a conversar ao chegar na casa de Geane, onde ela mostrou seus quadros. Passaram boa parte da madrugada conversando, até caírem no sono na cama de Geane e fazerem sexo pela primeira vez durante a manhã.

— Bom dia — disse Geane quando Fernanda entrou na cozinha, com uma toalha amarrada no corpo. — Dormiu bem?

— Dormi. Tinha só… deixa para lá. — Fernanda dispensou o pensamento pegando uma caneca no armário sem porta e com o fundo pintado de flores primaveris.

— O quê? O que é? — Geane perguntou preocupada.

— Uma poeirinha no seu colchão que me deu uma incomodada.

Geane riu e trocou os lençóis.

Um mês depois, ela estava inaugurando uma galeria. Seus quadros vendiam como água; até Patrick, um jovem artista, entrou em contato com Geane. Os dois conversaram bastante a respeito de sua nova coleção, marcaram de se encontrar duas tardes depois do primeiro contato e ele a levou até seu apartamento. No dia seguinte, ele chegou em sua casa elétrico, falando sobre como ela precisava ir além e como sabia o lugar perfeito para isso.

Ela não entendeu até Patrick a levar até uma ruazinha interessante em Botafogo e estacionar na frente de uma loja ampla, com um papel meio sujo escrito "ALUGA-SE".

— Você só pode estar enlouquecendo.

Patrick disse que poderia comprar a galeria e que os dois juntos a administrariam, expondo a arte que eles achavam que merecia ser vista e os próprios quadros de Geane.

Ela não demorou para ser convencida depois de Patrick dizer que arcaria com todos os custos.

O dia da inauguração foi muito esperado por Geane. Ela levara Fernanda e as duas encheram a cara de champagne caro. Os olhos de Geane pareciam brilhar na luz da casa noturna e os olhos de Fernanda faiscavam ao olhar de volta para Geane.

Uma semana depois, veio a capa da revista e meses depois o ateliê. Geane acordava disposta, nem checava mais o celular, as pessoas que realmente queriam falar com ela – que eram todas – vinham até ela. Tudo era novidade, até as coisas antigas. Ela começava a pensar se a vida precisava mesmo ter altos e baixos e se alguém não podia realmente emergir e ser constante; viver na constância da felicidade, gozo, entretenimento, alegria.

Na manhã seguinte, onde deveria estar o corpo de Geane dormindo plácido, estava só areia.

Izabel de Rohan

QUANDO AS PESSOAS FICARAM EM CASA

quando as pessoas ficaram em casa
lembraram uns dos outros
uns cozinharam cozidos jamais preparados
uns meditaram sobre esse feito
uns cruzaram suas pernas frouxas no sofá
sem compromisso com o tempo
uns pararam para ouvir histórias da infância
estacionadas no álbum antigo
uns fizeram benzos de gratidão
pela oportunidade de reunirem-se
à mesa do jantar
uns perceberam que foi boa a comunhão
e dançaram
vibrando àquelas pessoas do coração

Iva França

VOZ

Eu gritei e ainda gritaria mais alto
Faço barraco sem descer do salto.
Por onde anda tanta sapiência
Num mundo repleto de ciência?

Minha voz era grossa e veio a chuva
Na janela, eu a via com seu batom de uva
O que será o sol perto da sua intensa luz
Que áurea magnífica da justiça me seduz

Falarei sobre o quanto o mundo é injusto
Uns fazem coisas horríveis a todo custo
Outros passam fome, sede e frio na rua
Sem forças para, ao menos, admirar a lua.

Não me calarei frente às adversidades
Temos que bradar sobre estas verdades
Não deixaremos esmagar as minorias
Então vidas serão salvas todos os dias.

Digo alto e claro, e no mais elevado tom
Essa é a música da vitória, desejado som
Com o povo reunido de coração bom
O que nos move é direito e não dom!

Allan Piemonte

COMO ANDAM AS COISAS EM CASA?

É como uma casa muito engraçada. Umas nem tão engraçadas assim, outras meio sombrias, bagunçadas, algumas são recheadas de amor, cheias de objetos, que guardam as maravilhas da memória. Mas todas com seus cômodos, grandes e pequenos. Alguns cômodos que não são frequentados há muito tempo, enquanto outros sempre estão de janela aberta para as redes. Há quem não permita que ninguém entre em casa. Porta trancada a sete chaves. Sem dúvida, todas essas casas são dotadas de uma incrível e rica arquitetura, construída à base de experiências, de sentimentos e de até impulsos. E sortudo é quem habita a casa de alguém, quem consegue entrar, sentar, rir, e se deliciar com todas as boas sensações desse pertencimento...

Também é lindo quem conhece e se aventura em sua própria casa. Faz morada em si mesmo. Em seu próprio tempo, vai organizando a bagunça, tirando a poeira dos sentimentos que estavam adormecidos, e não compreendidos, debaixo do tapete. Às vezes, temos que dar aquela faxina, depois que chega alguém bagunçando com tudo. *Caramba! Não era para esse sentimento estar aí! O que você fez? Não deveria tê-lo deixado entrar. A partir de hoje. Porta trancada.* Tem gente que entra de sobressalto, chega arrombando a tranca e nem permissão para entrar pede, quando a gente vê o indivíduo já se instalou por completo e não quer ir embora. Não queremos, paradoxalmente, que se vá.

Muitas vezes, imersos no corre-corre da rotina automatizada, não temos tempo para reparar em nossa casa, ou de apenas nos entregamos à preguiça da arrumação. Deixamos tudo por fazer: dilemas para resolver, conversas que deveriam ter sido tidas, sentimentos postos em sacolas embaixo da pia, aquela emoção que eu queria ter posto pra fora, mas… *Ah, não, tenho que trabalhar, sem tempo para conversas…* E antes que percebamos, aquele caos interno nos consome e não sabemos quem chamar para ajudar a organizar nossa própria bagunça. Tudo se acumula. Mofos, inseguranças, baratas, palavras intaladas entupindo a garganta, crenças que não deveriam estar ali… Tá aí a importância do dia da faxina...

Então, diante de todas essas faxinas, esquecimentos, poeiras e invasões… Como andam as coisas em casa?

Helena Maria

IN LIBRO VERITAS

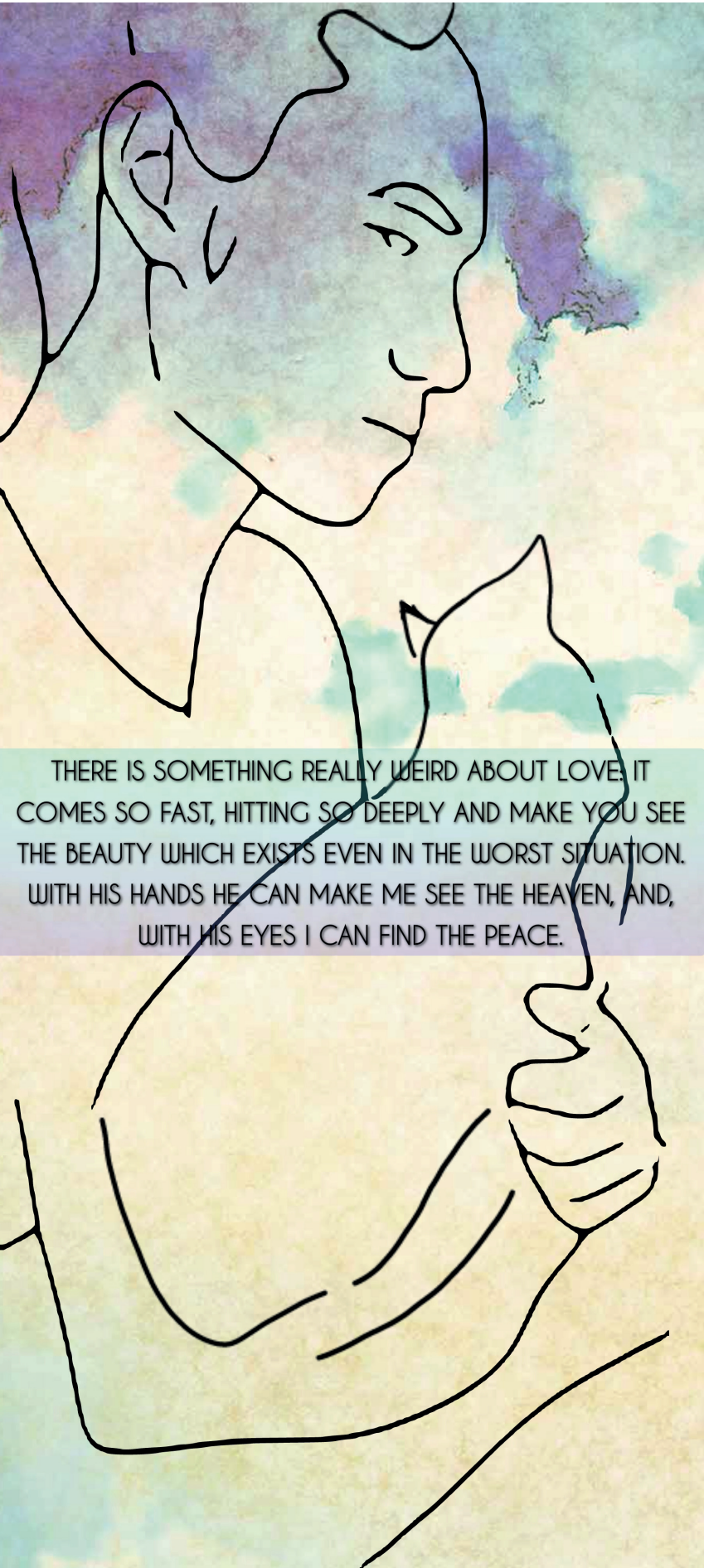
O livro que tenho nas mãos,
não é só um livro.
Ele abocanha um pedaço do mundo.
Já foi árvore que balançou ao vento.
Foi folha outonal e quase fruto;
raiz que se enroscou em pedras
e bebeu do sumo da terra.
E, agora, está aqui, quietinho.
Antes, foi serrado, dobrado, surrado.
Tingido com pequenas letras.
Adornado em negrito, com suaves traços.
Espelho da alma — a tradução.
Aí do nada, você pergunta:
— É Machado? — É Marcel? — É Clarice?
— É Barreto? — É Drummond? — É Foucault?
— É Fiódor? — É Bandeira? — É Calvino?
— E, se for? — Mas, não é.
— Agora é Rosa! O seu, o meu sertão.
Que prosa!
O livro é um machado.
Machado que nos transporta,
nos transborda, nos transforma.
Atente!
O som do Machado desce e,
acerta o crânio ao meio,
vai deixando as toras partidas,
nas horas lidas.
Este é o fruto colhido,
tardio e maduro. Que sabor!
O livro pronto é um Casmurro, é um Riobaldo!
Abundantes!

Antonia Cleons

TODAVIA

O largo mede os cento e tantos meados
Das máquinas aos mamíferos. À vista
O curso dos pássaros, rajando aos lados
Esgueirados aos fios das torres
Barbante dos sóis da noite
A colmeia como um cálice de condutores.

Ai! O gosto dos emaranhados
Rajam aves destes sóis nos olhos
Todavia, esta luz pulsa o tempo
Sinalizam em metro, ritmados,
A estrada de palmo a palmo
Dirigem os pés, os pneus,
Mas de menos o vento.

Lays Magda

Luciana Santos

À PROCURA

Há dias em que me desfaço em mim mesma. É como se eu derretesse e não existisse mais limites entre o eu e tudo que há no mundo. Me transformo em cama, armário, tapete, quarto e no meu cachorro. Eu sou a vizinha, sou a música que toca no rádio. E então me pergunto se sou tudo isso agora, quem sou eu quando estou em unidade?

Eu sou a minha profissão? Sou o meu estado civil? Acho que não saberei dizer em palavras.

O meu corpo grita! Salta pela janela! A voz é seta, arpão ao mar!

— Estou à procura de mim mesma! Estou à procura de mim mesma!

Acho que sou aquilo que permanece, aquilo que está para além das coisas que constroem um dia a dia, de um *status quo.*

Estou à procura de um Deus! Não o Deus cristão. Estou à procura do mistério, o infinito dentro de mim. O que sempre existirá, antes e depois da minha morte, independente das lágrimas derramadas, dos amores perdidos, dos amigos distantes, independente do sexo dos meus pais que me gerou, independente de mim como criatura social. Estou à procura do que há no infinito!

Eu quero me jogar nesse mistério! Voar até que as minhas asas cansem, nadar até que eu perca o ar. Eu quero tocar o chão do magma da vida. Quero tocar em uma estrela, sentir o mar em minhas veias, quero parir todos os sonhos que um dia abortei! Eu quero ser mãe de mim mesma!

É como se por mais que eu corresse na direção oposta, no fundo, inconscientemente, perseguisse o útero da minha mãe.

Como um círculo, a cobra que come o rabo.

Os xamãs dizem que adoecemos quando perdemos pedaços de nossas almas. Isso acontece quando nos quebramos por algum triste trauma ou simplesmente na rotina da vida.

Nós nos perdemos de nós mesmos.

Sinto que corro como um cavalo selvagem. Meu rumo é desconhecido, mas sigo em frente mesmo assim.

O eu, o indizível escorre, corre janela afora e abraça o Sol. Bordando no tempo desenhos de flores. As linhas são as minhas emoções.

A Terra úmida e quente, berço de mãe, é coberta por essa vontade alucinante de existir. O Desejo, a Emoção, o Tesão e o Amor.

O Amor ao respirar, ao desabrochar dos botões, a puberdade.

Elis Campos

UM LUGAR NO VAZIO

A poeira do nada
trouxe consigo as quimeras
da cisão da realidade.
Transeuntes dos tempos,
exércitos do transgredir sem rumo.
Confinados ao esquecimento.
Alheios em suas contendas,
Íntimos em seus lamentos.
Peregrinos sem máscara.
No vazio se convertem
suas únicas esperanças,
na expectativa do
horizonte desolado,
na geografia que
o Deus desconhece.
Os perpetua o esquecimento.
Órfãos da terra,
Seus rostos são gritos do silêncio.

Poema de Jacqueline Murillo Garnica. Traduzido por Jéssica Pessoa

NA JANELA – 99 ANOS SEM LIMA BARRETO

Há um relato de que, no velório de Lima Barreto, um desconhecido descobriu o rosto do cadáver, beijou-o na testa e, coberto de lágrimas, espalhou flores sobre o caixão. O peculiar louvador, quando questionado sobre sua identidade, entregou uma resposta não menos interessante: "Não sou ninguém, minha senhora. Sou um homem que leu e amou esse grande amigo dos desgraçados". (1)

Tão complexo quanto sua história de vida, Afonso Henriques de Lima Barreto não poderia ser definido apenas sob a ótica dessa curiosa homenagem. De toda forma, senhor e servo de sua sensibilidade, o romancista seria, de fato, um literato de oposição, um escritor negro no país da recente Lei Áurea, um reivindicador de sua negritude no Brasil do branqueamento, um crítico político, um anarquista fã de Lênin e da Revolução Russa, um defensor do nascente movimento operário brasileiro, um artista avesso às firulas meramente estilísticas na literatura.

Nesse sentido, portanto, é mesmo lógico que Lima Barreto fale a língua dos desafortunados e excluídos. Quando publicou integralmente *O triste fim de Policarpo Quaresma* pela primeira vez, em 1915, apenas 27 anos tinham se passado desde a assinatura da Lei Áurea.

O feito do amante das letras era impressionante. Hoje, chamaríamos de arte independente. Não obteve ganhos financeiros com essa publicação, fez um acordo com um editor português e tudo que pediu foram poucas dezenas de exemplares da própria obra. Mais tarde, escreveria em resposta a alguns críticos de seus escritos: "Vim para a literatura com todo o desinteresse e com toda a coragem. As letras são o fim da minha vida. Eu não peço delas senão aquilo que elas me podem dar: glória!" (2).

Não havia nenhuma romantização da arte independente na postura de Lima Barreto. Essa independência não era fruto de algum tipo de ortodoxia. Seus posicionamentos eram, também, seu jeito de buscar a superação dos boicotes que sofria por ser pobre e negro. A tônica de seus escritos era de combatente, e também por isso seus críticos tentavam atingi-lo.

Sensível intelectual, as faces supostamente veladas do racismo tocavam Lima Barreto de forma cruel. É bem conhecida a história de quando desiste de inocentemente pular o muro da escola com amigos brancos, com o argumento de que a ele chamariam bandido. O exemplo que talvez seja menos óbvio, porém, refere-se à passagem de seu personagem notoriamente autobiográfico Isaías Caminha, rapaz negro que descobre o racismo ao chegar na cidade grande. (3).

A obra em questão é bastante aclamada, chama-se *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. O personagem, recém chegado à cidade do Rio de Janeiro, foi preterido pelo atendente em uma pequena cafeteria. Na ocasião, um rapaz loiro recebeu melhor tratamento. Consternado, Isaías, que acabara de passar por uma ainda não assimilada situação de racismo, checa suas roupas para saber se havia algum problema com elas.

Essa situação, de conferir o próprio comportamento, o próprio jeito de falar ou a própria forma de se vestir antes de compreender que o rechaço experimentado se tratou de uma expressão de um grave problema social – o racismo –, com toda certeza já foi experimentada por qualquer negro ou negra, ao menos nos grandes centros brasileiros. Lima Barreto, então, em sua arte, gritava e emprestava seu grito. Era, também, um artista militante.

O envolvimento político do escritor, no entanto, não era tão sólido; não buscou se organizar em grupos nesse sentido. Ainda assim, sua sensibilidade levou-o, na sua luta por se posicionar no mundo, a ver a beleza dos esquecidos. Era ele próprio, Lima Barreto, um esquecido em certos sentidos. Tentou, também, esquecer-se e suprimir-se ao estudar engenharia para, conforme ele próprio pensava, ficar alheio às expressões artísticas ao dedicar-se à construção de máquinas e pontes. (4).

Houve algumas razões para que o romancista não concluísse o curso de engenharia, dentre elas o adoecimento mental do pai. Fato é, porém, que Lima Barreto acabou por desaguar seu talento na escrita, modalidade na qual foi um grande aliado dos invisíveis. É nesse sentido que não se pode deixar de fazer menção a um conto do autor chamado "Na janela". Nele, é exposta uma inocência existente onde ninguém consegue assim considerar. Ali, há uma conversa entre duas mulheres na janela, que gritariam sua humanidade ao mundo se todos as vissem como as viram Lima Barreto.

NOTAS:

(1) O relato é de A. J. Pereira da Silva, em *A noite*, Rio de Janeiro, 07/11/1922. A consulta foi no livro *A vida de Lima Barreto*: (1881-1922), de Francisco Assis de Barbosa, publicado pela primeira vez em 1952.
(2) Entrevista à "A Época", publicada às vésperas do aparecimento da obra *O triste fim de Policarpo Quaresma.* Trecho retirado do livro *A vida de Lima Barreto: (1881-1922)*, de Francisco Assis de Barbosa.
(3) No livro *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*, de Lilia Moritz Schwarcz, a autora descreve que o personagem "[...] descobre o preconceito ao chegar à cidade grande do Rio de Janeiro". A frase do presente artigo foi baseada nesse trecho.
(4) Carta a Murilo Araújo, de 26/10/1916. Veja o trecho publicado no livro *A vida de Lima Barreto*, de Francisco Assis de Barbosa: "[...] embora o aluno evitasse as 'coisas que tocassem em amor, em arte e moção'. É que desejava ser 'um homem enérgico, inacessível a tudo isso, engenheiro, talvez, a construir pontes, máquinas, cais ou coisas semelhantes".

Elias Dias

Figura 1 - Homenagem a Lima Barreto. Elias Dias. Pintura 210 x 297mm com giz pastel oleoso (baseada em fotografia de 1909).

EM CIMA DAS NOSSAS CABEÇAS

A morte esteve perto, sonora no pedido de socorro no saguão do edifício central. Esse não era o ruído da morte com o qual estou habituado — perseverante, tácito, cotidiano. Os gritos e a correria lembravam da morte no que ela tem de barulhento e de violenta, mostrando a todos o desespero e a irreversibilidade do fim.

— Ele está no 2316! — ela disse aos guardas, que rapidamente perceberam o caráter urgente, sem que soubessem exatamente do que se tratava.

Gelei por um instante.

— Alguém vai se jogar do 23° andar? — Não é a primeira vez que me deparava com alguém pondo a vida em risco, isto é, fazendo-o com mais intensidade do que como fazemos todo dia. — Será que eu posso ajudar em algo? Afinal, eu tenho alguma experiência nesse assunto...

Fiquei por perto, sem ostensivamente oferecer ajuda, e sem fazer mais do que observar a cena e a mim mesmo. Percebi que meu calafrio provinha de uma possibilidade específica daquele momento: a de eu, talvez, ter alguma chance de negociar com a morte, convencê-la a vir depois.

Não ficou claro se era uma situação de tentativa de suicídio ou de mal súbito, como um ataque cardíaco. Pensando bem, caso fosse alguém tentando se lançar, seria improvável que outra pessoa tivesse tempo de descer os 23 andares e buscar ajuda. Essas foram minhas racionalizações, agora vejo, pensadas mais para me proteger do desafio de me envolver do que para efetivamente ajudar.

Eles subiram no elevador, eu fiquei perambulando um pouco pelas lojas próximas. A morte havia se assomado não como normalmente acontecia, mas mostrando sua força e habilidade sobre mim também. Agressivamente, ela me lembrou que um dia me terá por inteiro em seu abraço, ela que, por enquanto, apenas me envolve levemente.

Passei a observar as pessoas, as quais, por sua vez, comentavam como quem assiste a um espetáculo. Falavam, rindo, de outras vezes em que haviam passado por algo parecido. — Eles não veem que esse homem estar morrendo (talvez já tenha morrido) também diz respeito a eles? — pensei.

Não conhecemos o homem, ou as circunstâncias. Nossa proximidade, apesar de unidos pela mortalidade, era apenas geográfica. — Será que lidam tão bem com a morte que conseguem rir dela? — Não... só não se importam mesmo.

Mas eu havia sido tocado, eu que me considerava resistente a ponto de já haver orado pela minha própria morte. Eu que, já há algum tempo, a considerava uma companheira fiel, fui surpreendido e quis afastá-la naquele momento.

Lidar com a morte é coisa de cada vez, recordei. É fácil quando ela está aparentemente domada, mas não tanto quando aparece desavisada no corredor. Inspirado pela mortalidade do homem do 2316, do qual não sei o paradeiro, reafirmo minha submissão à morte. Revoltar-me ou temê-la seria assumir uma imaturidade que não me cabe mais. Assim me preparo para o momento derradeiro; preparação frágil e insuficiente, é certo, mas essencial enquanto ainda persiste minha vida.

Guilherme Silva Sant'Anna

UM JOÃO, O CÂNCER E A ESQUIZOFRENIA

Este é um breve trecho da história de João, um rapaz comum, jovem, inteligente, cheio de sonhos. Seria igual à maioria, se não fosse o diagnóstico de Esquizofrenia e uma suspeita de câncer. São barreiras, todavia encaradas de peito aberto, reconhecendo as dificuldades impostas, contudo mirando sempre a vitória.

Por falar em vitórias, eis a mais recente de João:

Tudo começou (ou melhor, foi descoberto), em julho de 2017, quando tentou suicídio e foi socorrido por sua mãe, e internado. Desde então teve planos boicotados, mas não um deles ainda que dificultado: a segunda graduação.

Sempre amou línguas estrangeiras, e se pegou amando mais quando voltou às atividades em um curso de idiomas, e então optou por fazer letras. Só podia estudar 4 horas não consecutivas de segunda a sexta, enquanto concorrentes podiam, perfeitamente, estudar mais de 8 horas todos os dias. Intimidador? Talvez, mas João seguiu focado, estudando e desejando. Da vez em que estudou mais horas que dormiu ou passou das 4 horas diárias, só lhe sobraram, praticamente, estar em prantos ou ficar imprestável no dia seguinte. Perto da data do Enem, João teve um nódulo no pescoço, o qual gerou trombose/compressão na jugular, que o fez quase ser internado faltando 2 dias para a primeira dura jornada do ENEM. E a possibilidade de ser câncer, apontada pelo cirurgião, de cabeça e pescoço, corroendo João por dentro, na semana do 2° dia de prova. Com que cabeça fez esses exames?

Nesse contexto, com muito esforço, e não estando tão bem quanto poderia em trechos desse ano, João conseguiu aprovação na UERJ e na UFRJ (esta com a nota do Enem). Ambas para Letras.

Então, gritou da Janela com toda força, mais que costuma comemorar os títulos do seu querido Flamengo: "PASSEEEEEEEI!"

Não gostaria que ninguém tivesse pena do João ou de qualquer pessoa com diagnósticos de doenças ou deficiências mentais. Gostaria apenas de compartilhar o orgulho desta caminhada, pois quero que haja sempre um apoio e alguém que compreenda e que diga: "eu te ajudo, estou com você, vamos ser felizes" e que sejam felizes, mais do que estou sendo agora pelo João e o mesmo por si!

E que fique o apelo a todos que tenham alguma questão de saúde, mas que conseguem se dedicar, ainda que com ressalvas, como João: não desistam! A recompensa chega no final das contas. Barreiras existem, mas as que podem ser transpassadas, guardam a felicidade em seu horizonte.

Leonardo Faria

Eu sei que a travessia pode doer, mas eu prefiro rasgar o coração a me admitir ser fria. A vida é curta demais para não ser sentida intensamente, para não se estar presente em cada pequena coisa que nos acontece. Honrar a coragem do sentir, covardes são os que fogem, assustados demais para viver.

Mas, talvez não seja sobre fraqueza, força ou vontade. Mas das ilusões criadas, tão fortes, que são reais. A reciprocidade é uma invenção coletiva e compartilhada, deu certo porque somos lunáticos juntos, nosso mundo é igual, então é fácil ser.

O fim é uma dissonância e a vida é uma jornada para dizer adeus . Cada encontro é uma despedida e o reencontro um reconhecimento, de ontem ou talvez de outras vidas. A questão é que vai doer, independente da sua vontade ou não. E que doa mesmo. Eu prefiro ter sentimento em excesso do que não ter nada a oferecer.

Essa é uma carta especial aos esquecidos: eu entendo vocês, não se lamentem. Isso não é uma lamúria, a dor é nossa glória, nosso crescimento. Estamos subindo escadas, aprendendo, coletando experiências e ousando a continuar na aventura frágil de se entregar. Dar de cara com a parede ou com uma sintonia igual, questão de pensamento, fluidez do espírito para ir atrás do que combina com você.

De todas as vezes em que a ausência da fuga me encontrou, ousei ser verdadeira comigo e segui em frente. Nem só por mim, mas pelo outro. Aceitar a jornada individual de cada um e abençoar os que se foram, os que ficaram e os que virão. Ansiosa para conhecê-los. E até lá, amor. O elo universal que clama pelo entendimento da liberdade é solto. Apenas deixa ir sem esperar retorno, porque a volta já é a doação por si só. Pois é melhor amar que ser amado.

Amém.

Maria Clara Santos

BRADO RETUMBANTE

Parido de um colosso vendaval
denso, nefasto e sem rumo
É anunciada a vinda do tão ansiado
pós-fim do mundo

Aproxima-se à cavalgadas violentas,
Trotar largo – e camisa de força –
marcando sua fúria danosa,
Traz na garupa renovados temores
gerados por infindáveis meses
de uma isolação mais-que-penosa

Por ora, no horizonte
Ouve-se o brado retumbante
do lamento da multidão
E também a ascensão do descaso
com a potência do vírus do atraso

Os lares, antes de afeto e liberdade
viraram ambientes de resignação,
Apesar do consanguíneo em proximidade
O toque foi limitado e reduzido à insanidade
pelo cuidado – encarcerado –
dos corpos ainda sem anticorpos
reduzidos ao toque de mãos

A linha tênue entre o estar
e o poder tocar,
minha pátria amada,
meu querido irmão

Os refúgios mentais tão abalados
Seja nos lares ou nos hospícios-Instituições
Temendo (re)viver os dolorosos contatos
Desde o choque instaurados
Mesmo ao lunático apelo do 'não'

Os asilos de loucos continuarão lacrados,
E mais uma vez a liberdade suada
se anuncia como privilégio-minado
Arduamente acolhido por uma saúde pública,
quase explodindo, mas quase privada
Direito esse eternamente deitado
em mãos esplêndidas de carniceiros baratos
como quem troca saúde por carga

Os peitos antes abertos, agora engradeados
A ignorância se intercalou à raiva
e foram vistas pessoas que nunca mais
recuperaram a razão,
Mesmo depois de muito tempo
do final do violento tufão

O depois ainda é o agora onde podemos intervir
Com a Ciência conquistada em braço forte
para evitar que a máscara vire a mortalha do porvir

Retirado os antolhos
'A verdade vos libertará'
para o pós que não se sabe a data
Mas não demora, ele virá

Natália M. Laurino

INCONGRUÊNCIAS

Minha filha ainda mama.
Os homens não respeitam as mulheres.
As mulheres não respeitam as mulheres.
As pessoas não respeitam as pessoas.
Os governantes não respeitam o povo.
O povo não respeita o povo.

A minha filha ainda mama e
Os homens ainda não respeitam as mulheres.
E as mulheres ainda não respeitam as mulheres.
E os governantes não respeitam o povo.
E o povo não respeita o povo.

O auxílio é duzentos e cinquenta reais.
O salário do deputado é trinta mil reais.
A desigualdade aumenta.
A vacina atrasa.

A minha filha ainda mama.

Mônica Viollet

— Não vá! Não saia por aquela porta!

— Por que não? Se já está tudo acabado mesmo.

Mas ele fica. Ele não sai daquele apartamento que, uma vez, era seu lar.

— Eu simplesmente não te entendo. Eu não entendo esse seu comportamento, já se passaram 3 meses e você olha para mim com tanta raiva. Como se você não soubesse que nosso relacionamento estava aos poucos se acabando.

— Se acabando? Eu te amava! Eu te amei tanto, eu te amei nos nossos momentos felizes, tristes, nas nossas brigas, quando você nem queria olhar na minha cara! Eu te amei quando você terminou comigo, aqui mesmo, no nosso apartamento. Eu até te amei depois do nosso fim, eu até cheguei a pensar que você iria mudar de ideia, que iria voltar pra mim. E sabe o que você fez? Começou a namorar outro cara.

Ela ri sem conseguir acreditar no que acabou de ouvir. Sem acreditar que, um dia, amou aquele homem, que ele havia sido tudo pra ela.

— Não fale dele como se você ligasse, como se, um dia, você tivesse lutado por mim. Entendesse o que eu precisava. Se você, pelo menos, me escutasse! Tantas vezes que eu tentei fazer esse relacionamento dar certo! E você só pensava em você.

— Em mim? Eu pensava só em mim? Tudo o que eu fiz, foi nos colocar em primeiro lugar. Nós!

— Exatamente! Você sempre dizia isso, "nós". Nós pensamos assim, nós vivemos desse jeito. Você nunca pensou em mim. Você sempre me viu como a sua namorada perfeita que você poderia se exibir para os seus amigos. E sabe? Teve um tempo que isso foi suficiente para mim, ser o que você queria que eu fosse.

— Eu nunca quis que você fosse a minha namorada perfeita, eu sempre quis você! Eu sei que não era fácil, eu não tenho o melhor temperamento do mundo, sei que brigávamos bastante. Estávamos sempre a beira do precipício, mas nós sempre nos salvamos, sempre!

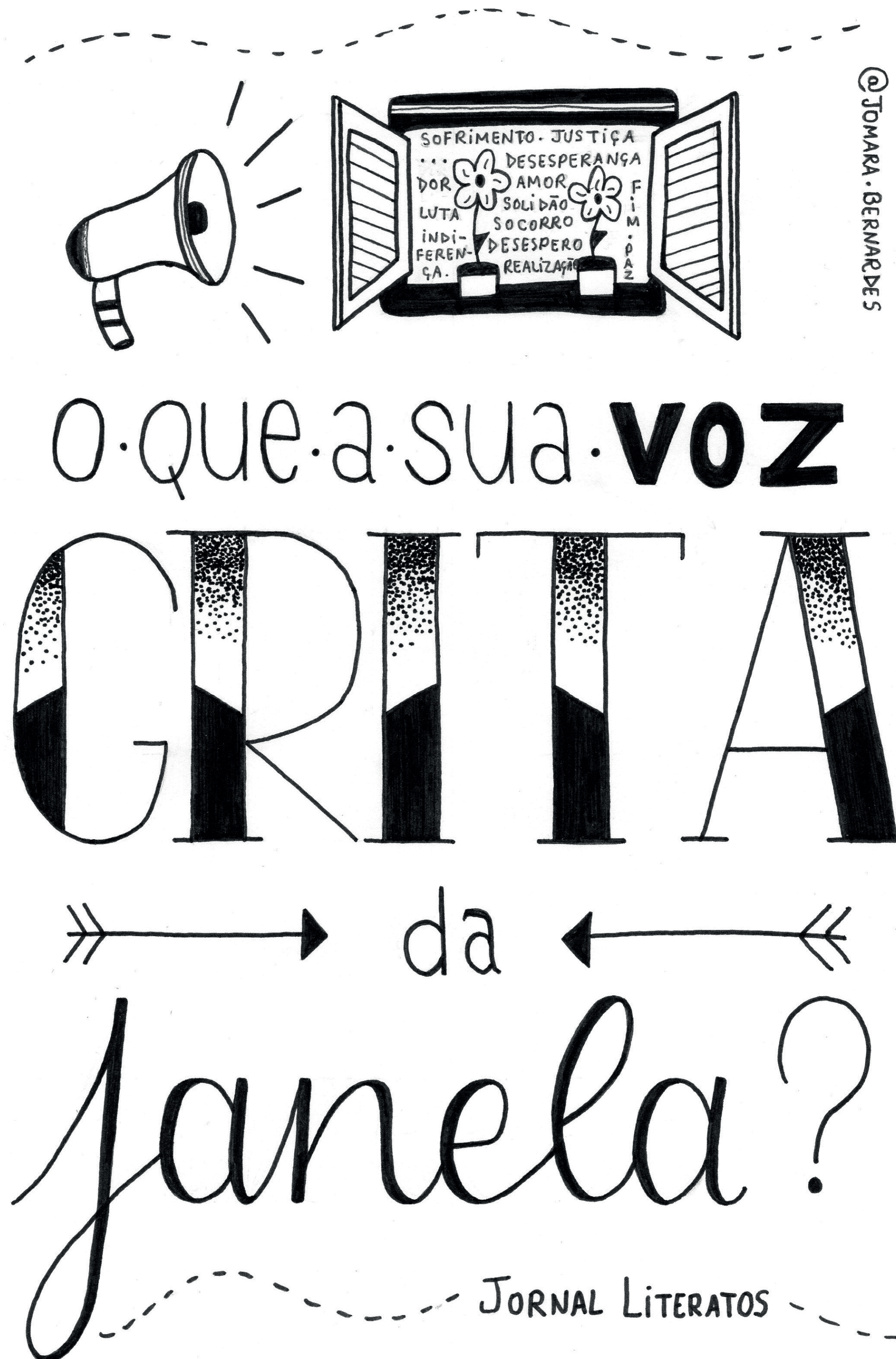
— Sempre? — ela pergunta retoricamente então faz uma pausa após sentir as lágrimas chegando – Toda vez que nós brigávamos, eu sentia uma parte de mim indo embora, me sentia mais fraca. E a razão que eu não quero que você saia pela porta ainda, é pra te dizer que eu tentei, mas não consegui. Foi muito pra mim, foi muito intenso!

Ele não se aguenta, movido pela emoção, aproxima-se dela e pega em suas pequenas e delicadas mãos.

— Você agora fala de mim como se eu não tivesse te amado – ela continua – mas eu te amei. Eu te amei nos nossos momentos felizes, tristes, mas, no fim, eu me sentia esgotada e pensava: "Não é assim que eu deveria me sentir, o amor não deveria doer tanto, devia?". Eu sei que estar em um relacionamento não é fácil, mas eu me sentia tão presa, e eu pensava que você soubesse. Lesse os meus sinais, como eu estava lentamente me afastando de você, como não sentia mais vontade de brigar, eu apenas concordava com você. E agora eu vejo... Que você nunca leu os meus sinais.

— Eu acho que nunca soube te ler muito bem, não é? — ele diz largando as mãos dela — Você sempre foi tão independente, vivia no seu mundo e eu nunca soube entrar nele. Eu sempre sentia uma barreira entre nós dois, mas achava que, aos poucos, nós saberíamos lidar com isso.

— Viu? Você disse "nós" novamente. Nós nunca iriamos dar certo. Não por falta de tentativa, mas porque nunca fomos muito bons em se comunicar. Eu nunca soube dizer muito bem o que queria e você nunca soube o que eu queria. Então eu tentava ser o que você queria que eu fosse e achava que era suficiente. Mas não era, eu sabia, sempre sentia que faltava algo. E o cara que você falou que eu comecei a namorar, eu não sinto como se tivesse faltando algo. Não sei se ele é o cara ideal para mim, mas eu estou feliz. E isso sim é suficiente. E eu realmente espero que você seja feliz. Por favor, agora você pode sair por aquela porta.

Carol García

LITERATOS

O JORNAL DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA DA UERJ

literatosjornal@gmail.com
facebook.com/literATOSjornal
instagram.com/literatosjornal